



Miguilim

revista eletrônica do netlli
volume 6, número 3, Set.-Dez. 2017

OS CONTOS DE CLARICE LISPECTOR À LUZ DE BAKHTIN: UMA ANÁLISE CRONOTÓPICA



CLARICE LISPECTOR'S SHORT STORIES UNDER BAKHTIN'S UNDERSTANDING: A CHRONOTOPIC ANALYSIS

Leandro Lopes SOARES
Maria Edileuza da COSTA

Universidade Estadual do Rio Grande do Norte, Brasil

[RESUMO](#) | [INDEXAÇÃO](#) | [TEXTO](#) | [REFERÊNCIAS](#) | [CITAR ESTE ARTIGO](#) | [O AUTOR](#)
RECEBIDO EM 16/10/2017 • APROVADO EM 24/01/2018

Resumo

Clarice Lispector contribuiu significativamente para a literatura brasileira, com uma escrita peculiar e a criação de personagens aparentemente comuns, porém com complexos conflitos. Do mesmo modo, os estudos do filósofo russo Mikhail Bakhtin trouxeram grandes contribuições para a literatura, no que concerne a análise desse tipo de texto, principalmente de romances, visto que, grande parte de suas considerações privilegiam este gênero literário. Sendo assim, objetivamos com esse trabalho analisar alguns contos lispectorianos a partir dos estudos de Bakhtin, referentes à cronotopia, especificamente com os cronotopos do encontro, da estrada e da metamorfose. Nesse sentido, selecionamos para este fim, os contos “A fuga”,

do livro *A bela e a fera ou A ferida grande demais* e “Miss Algrave” presente na obra *A via crucis do corpo*. Através destes textos consideraremos o acontecimento em determinado tempo e espaço e como estes influenciam na transformação das personagens a cada encontro vivenciado. Como aportes teóricos destacamos Bakhtin (1988), Brait (2008) e Machado (2010). Nos contos analisados o tempo e o espaço possibilitam o encontro entre as personagens, dando margem a uma ação transformadora e necessária.

Abstract

Clarice Lispector contributed significantly to the Brazilian literature, with a peculiar writing and the creation of characters apparently ordinary, however with complex conflicts. Likewise the studies of the Russian philosopher Mikhail Bakhtin brought great contributions to the literature, in what concerns the analysis of this type of text, mainly of novels, since, great part of its considerations privilege this literary genre. Therefore, we aim with this paper to analyze some Lispector's short stories considering Bakhtin's studies, referring to chronotopy, specifically with the chronotopos of the encounter, the road and the metamorphosis. In this sense, we selected, for this purpose, the short stories "Escape", from the book *Beauty and the beast or the wound that was too big*, and "Miss Algrave", present in the work *The via crucis of the body*. Through these texts we will consider the events in a certain time and space and how they influence the transformation of the characters at each encounter experienced. As theoretical contributions we highlight Bakhtin (1988), Brait (2008) and Machado (2010). Over the analyzed stories, time and space allow the encounter between the characters, giving margin to a transforming and necessary action.

Entradas para indexação

PALAVRAS-CHAVE: Cronotopo. Clarice Lispector. Encontro. Metamorfose.

KEYWORDS: Cronotope. Clarice Lispector. Encounter. Metamorphosis.

Texto integral

Introdução

Clarice Lispector tem uma obra vasta e bastante estudada por pesquisadores em literatura. Surgiu no cenário literário brasileiro em um período no qual a mulher tinha poucos direitos e, em sua escrita, representou-as sob diferentes perspectivas. Além destas, deu voz às crianças, idosos, minorias políticas em geral, numa representação do ser em busca de um sentido para sua existência. Por esse e outros motivos é hoje uma das principais representantes da literatura de escrita feminina no Brasil.

Os contos lispectorianos são um destaque a parte; neles há uma representação do ser humano em suas mais variadas nuances, vivenciando situações corriqueiras e que são o ponto de partida para momentos de reflexão e

autoconhecimento por parte das personagens. A partir do contato com o outro, seja ele um humano, animal, objeto ou mesmo um vegetal, suas personagens costumam passar por momentos de iluminação conhecidos por epifania. Nesse sentido, é perceptível a importância do contato do eu com o outro para a construção da narrativa; uma relação dialógica importante para a personagem.

Diante dessas considerações, neste trabalho, objetivamos analisar alguns contos de Clarice Lispector a partir dos estudos de Mikhail Bakhtin sobre cronotopia. Para tanto escolhemos os contos “A fuga” e “Miss Algrave” presentes nas obras *A bela e a fera ou A ferida grande demais* e *A via crucis do corpo*, respectivamente. Intentamos, com isso, destacar a ocorrência dos cronotopos do encontro, da estrada e da metamorfose e como as ações vivenciadas pelas personagens ganham força no tempo e no espaço em que se articula a narrativa.

Para um melhor desenvolvimento desse estudo, tendo em vista o nosso intuito em alcançar os objetivos propostos, faremos uma breve explanação sobre o conceito de cronotopia, destacando a forte influência do encontro para a ocorrência de ações configuradoras dos cronotopos da estrada e da metamorfose. Na sequência, trataremos, de forma concisa, das peculiaridades estilísticas de Clarice Lispector para em seguida analisarmos os contos já citados, sob a perspectiva cronotópica de Mikhail Bakhtin.

1 Cronotopo: o tempo como dimensão do espaço na narrativa

Mikhail Bakhtin é um famoso pensador russo que trabalha as questões ligadas a linguagem e sua dialogicidade. Para ele as relações estabelecidas entre os homens são regidas por um aspecto dialógico, ou seja, por um diálogo. Quando alguém diz algo sua fala está carregada de ideologias, culminantes a um ponto de vista, podendo ser concordado ou contrariado pelo sujeito ouvinte. Dessa forma, o confronto de vozes possibilita um aprimoramento das ideias a partir do posicionamento do outro. Nesse sentido, “o enunciador, para constituir um discurso, leva em conta o discurso de outrem, que está presente no seu. Por isso, todo discurso é inevitavelmente ocupado, atravessado pelo discurso alheio” (FIORIN, 2016, p. 22). Por esse e outros motivos, Bakhtin é conhecido como o filósofo da linguagem.

Em seus estudos voltados para a literatura, formulou o conceito de cronotopo tomando-o emprestado da física, a partir da teoria da relatividade de Einstein. Na literatura, introduziu o termo como sendo categorias em que as ações ocorrentes na vida dos personagens acontecem numa mescla entre tempo e espaço e suas dimensões. É um termo formado pela junção de dois radicais gregos referentes a tempo e lugar. “Cronotopo é, pois, um conceito para a observação do comportamento do tempo como dimensão do espaço na narrativa” (MACHADO, 2010, p. 214). Bakhtin escolheu o gênero romance para analisá-lo cronotopicamente e, a partir disso, observando a recorrência de determinadas ações em obras desse gênero, formulou categorias as quais denominou de cronotopos.

Entre estas categorias estão os cronotopos do encontro, da estrada e da metamorfose, pontos de partida para a análise dos contos lispectorianos proposta aqui. Além deles, existem ainda o da aventura, o do idílio, da praça pública, entre outros, todos eles caracterizados por um aspecto primordial: o encontro. Machado (2010), sobre isso, afirma:

Sem o encontro nenhuma interação seria possível do ponto de vista das ações humanas sócio-históricas e até mesmo científicas. No cronotopo do encontro é possível situar uma gama diferenciada de ações: das paixões humanas aos choques civilizacionais, das interações culturais às descobertas científicas; das transformações às mutações ecológicas (MACHADO, 2010, p. 216).

Nesse sentido, é perceptível como a interação entre os personagens, o encontro entre pessoas de culturas e lugares diferentes é o elemento desencadeador dos cronotopos. Um romance é feito de encontros e essa característica está presente tanto em obras de outras épocas, onde o herói era representado como um ser superior aos demais, como nas da atualidade, em que o protagonista é um ser comum, igual aos outros personagens da narrativa.

Com base nessa característica, Bakhtin identificou e criou categorias cronotópicas considerando a ocorrência destas nos romances, como os encontros se dão e seu efeito na vida do personagem. Uma delas é o cronotopo da estrada e, como o próprio nome já diz, é marcado pelos diversos encontros vivenciados pelo ser durante sua jornada romanesca. Sendo assim, “[...] o cronotopos da estrada, em um certo tipo de romance, indica o lugar onde se desenrolam as ações principais, onde se dão os encontros que mudam a vida das personagens. A estrada é portanto, o lugar onde se escande e se mede o tempo da história” (AMORIM, 2008, p. 102).

A estrada é um lugar de encontros, pois é nela que a personagem vivencia experiências, tem contato com outros personagens, representações de pessoas que contribuem de alguma maneira em seu crescimento. Podemos dizer que há também um encontro de um eu consigo mesmo, visto que, nesse percurso, momentos de profunda reflexão são vivenciados. Isso faz com que a história se desenvolva, tendo, portanto, uma função: dar movimento à narrativa.

É também através do encontro que o personagem se transforma; seja na estrada ou num cômodo de uma casa, numa floresta ou em um aeroporto, pelo contato com o outro, novas experiências e pontos de vista podem modificá-lo. Uma mudança intensa, capaz de transformá-lo em outro com uma nova forma de ver o mundo. Dessa forma, ele passa por uma metamorfose, outro cronotopo proposto por Bakhtin.

[...] o cronotopo da metamorfose desenha a arquitetônica da crise como força eminentemente humana. “Com base na metamorfose é

criado o tipo de representação de toda a vida humana em seus momentos essenciais de crise: como um homem se transforma em outro” (MACHADO, 2010, p. 219).

Pelo excerto percebemos que esse cronotopo é marcado por um momento de crise. Com isso há uma reflexão geradora de um conflito existencial, uma espécie de ruptura na vida do personagem. A partir daí ele muda sua essência, sua personalidade e passa a enxergar o mundo sob uma nova ótica. O mundo em si continua o mesmo sem sofrer nenhuma transformação.

Após esse breve percurso teórico, reafirmamos que a proposta de uma análise a partir dos cronotopos de Bakhtin privilegia o romance, porém pode ser aplicada a outros gêneros textuais, não só em prosa, mas também em versos. No nosso caso analisaremos contos, tipo de texto breve, com acontecimentos intensos e apresentados de forma rápida, onde destacaremos as ações configuradoras dos cronotopos da estrada e da metamorfose a partir dos encontros entre as personagens lispectorianas.

2 Os cronotopos nos contos de Clarice Lispector

Para tratar de Clarice Lispector é necessária a ciência de que estamos diante de uma escrita além do dito nas linhas enigmáticas de uma escritura sedutora e misteriosa. Sua obra é rica em temáticas, indo desde um simples jantar em família, passando pelos questionamentos filosóficos a partir da observação de um ovo, até um encontro com um animal morto e o surgimento do desejo de vingança contra Deus. Situações cotidianas aparentemente banais, mas que na ótica lispectoriana, alcançam possibilidades interpretativas diversas e reflexivas.

São muitas as definições dos estudiosos a cerca da literatura de Clarice e de seus personagens, sempre evidenciando o rompimento com a estética literária da época e a instauração de uma escritura avessa a modelos. Nos romances essa escritora destacou-se pela peculiaridade atribuída ao tratamento de seus personagens com uma linguagem poética privilegiando os efeitos dos acontecimentos em seu psicológico. Além de romances, escreveu também crônicas, cartas, contos, em que seu estilo criativo destacava-se como uma característica marcante em sua obra.

O primeiro livro de contos publicado por Clarice Lispector foi *Laços de família* em 1960. Em seguida vieram outros cinco, com narrativas envolventes retratando o cotidiano de personagens e seus conflitos existenciais. Entre eles estão, *A via crucis do corpo* (1974) e *A bela e a fera* (1979), que foi lançado postumamente reunindo contos escritos na década de 1940 e os dois últimos, escritos em 1977. São nessas obras que se encontram os contos a serem analisados a seguir, representantes de um acervo literário propício a um estudo a partir da perspectiva cronotópica apresentada por Mikhail Bakhtin.

2.1 Caminhando em busca de liberdade: doze anos em algumas horas

O conto “A fuga” narra a trajetória de uma mulher chamada Elvira, casada há doze anos e que decide abandonar o marido e o casamento em busca de sua liberdade. Para isso, aproveita a chuva numa tarde repetitiva de sua vida, junta todo o seu dinheiro e parte desejosa por uma mudança. Nesse percurso ela reflete sobre os doze anos de matrimônio e os planos para um futuro livre, diferente do presente. Três horas são suficientes para uma tomada de consciência partindo em direção ao desconhecido num momento de liberdade nunca antes vivido.

Na narrativa a mulher está em movimento, percorrendo um caminho que a distancie de sua vida de casada e presa a uma rotina onde não era feliz. A personagem almejava uma liberdade para que pudesse ser ela mesma e fazer o que gosta, porém tinha medo, tanto de voltar para casa, quanto de sair à procura de algo incerto. Vejamos:

Estava cansada. Pensava sempre: “Mas que é que vai acontecer agora?” Se ficasse andando. Não era solução. Voltar para casa? Não. Receava que alguma força a empurrasse para o ponto de partida. Tonta como estava, fechou os olhos e imaginou um grande turbilhão saindo do “Lar Elvira”, aspirando-a violentamente e recolocando-a junto da janela, o livro na mão, recompondo a cena diária. Assustou-se. Esperou um momento em que ninguém passava para dizer com toda a força: “Você não voltará.” Apaziguou-se (LISPECTOR, 1999, p. 74).

A partir do trecho podemos notar que a personagem vivia enclausurada em uma prisão sem grades; simbólica. Casada com um homem que não dava a oportunidade para fazer o que tinha vontade, temos a impressão de que ela vivia apenas para o marido e o lar e não queria mais viver dessa forma. Seu companheiro era um homem de negócios, dedicado ao trabalho e com muitas tarefas para preencher o seu dia. Ela, ao contrário e como era comum às mulheres da época, ficava em casa.

No caminho percorrido na fuga a personagem começa a refletir num encontro consigo mesma e fora do ambiente doméstico. A partir disso, temos uma ideia de como era sua vida antes daquelas três horas, tempo necessário para a experimentação da liberdade, e de como seria sua vida, se ela mantivesse o plano de ir embora. Através dessa fuga e do percurso iniciado por Elvira, rumo a uma nova vida, ela passa por transformações, decorrentes do encontro consigo mesma e com outros indivíduos nos espaços por onde passa e no tempo de três horas, bem como, depois. Nesse período ela ressalta os doze anos de casada como se fossem doze séculos, o que nos dá uma noção de acontecimentos ocorridos na intersecção entre tempo e espaço.

Por se tratar de uma fuga e da personagem ir caminhando no espaço da rua, num período de tempo equivalente há mais de três horas de duração, é possível

identificar uma situação configuradora correspondente a ocorrência do cronotopo da estrada, pois esta é, segundo Bakhtin,

[...] o ponto de enlace e o lugar onde se realizam os acontecimentos. Parece que o tempo se derrama no espaço e flui por ele (formando caminhos); daí a tão rica metaforização do caminho-estrada: “o caminho da vida”, “ingressar numa nova estrada”, “o caminho histórico”, etc; a metaforização do caminho é variada e muito planejada mas o sustentáculo principal é o transcurso de tempo (BAKHTIN, 1998, p. 350).

É na estrada o lugar onde a personagem reflete sobre sua condição de mulher casada e da mudança que está prestes a fazer. Até a forma de pensar era diferente por não estar perto do marido. Isso mostra como era o comportamento feminino em presença do homem. “A princípio, isso lhe trouxera certa tranquilidade, pois costumava cansar-se pensando em coisas inúteis, apesar de divertidas” (LISPECTOR, 1999, p. 76).

O conto segue numa alternância entre presente, passado e futuro; o narrador relata os fatos antes da mulher sair de casa e os planos dela, caso continuasse com a fuga. Essa quebra na linearidade convencional da narrativa é uma característica da escrita de Clarice Lispector. Clarice não se preocupava em escrever com começo, meio e fim definidos, apenas em escrever algo que tivesse corpo, uma literatura pulsante, com vida própria.

No presente a personagem está na rua, decidida a deixar o marido e ir embora a procura de uma vida diferente. Esse tempo pode ser percebido através do trecho: “agora a chuva parou. Só está frio e muito bom. Não voltarei para casa. Ah, sim, isso é infinitamente consolador. Ele ficará surpreso? Sim, doze anos pesam como quilos de chumbo” (LISPECTOR, 1999, p. 76).

No passado ela está em casa. O narrador faz uma pausa na narrativa para explicar como a personagem foi parar na rua e quais motivos a levaram a tomar essa decisão. Pela narração é possível notar a angústia da personagem e a ânsia por escapar daquele ambiente e daquela vida, na qual era infeliz.

Como foi que isso aconteceu? A princípio apenas mal-estar e o calor. Depois qualquer outra coisa dentro dela começou a crescer. De repente, em movimentos pesados, minuciosos, puxou a roupa do corpo, estraçalhou-a, rasgou-a em longas tiras. O ar fechava-se em torno dela, apertava-a. então um forte estrondo abalou a casa. Quase ao mesmo tempo, caíam grossos pingos d’água, mornos e espaçados.

Ficou imóvel no meio do quarto, ofegante. A chuva aumentava. Ouvia seu tamborilar no zinco do quintal e o grito da criançada recolhendo a roupa. Agora era como um dilúvio. Um vento fresco circulava pela casa, alisava seu rosto quente. Ficou mais calma,

então. Vestiu-se, juntou todo o dinheiro que havia em casa e foi embora (LISPECTOR, 1999, p. 77).

No futuro ela estará em um navio, no meio do mar e com destino à sua liberdade. O narrador descreve o que a mulher faria se continuasse com o plano inicial e, com isso, temos a impressão de que ela conseguirá escapar da prisão domiciliar a qual era submetida na sua condição de mulher casada.

Amanhecerá. Terá a manhã livre para comprar o necessário para a viagem, porque o navio parte às duas horas da tarde. O mar está quieto, quase sem ondas. O céu de um azul violento, gritante. O navio se afasta rapidamente... e em breve o silêncio. As águas cantam no casco, com suavidade, cadência... Em torno, as gaivotas esvoaçam, brancas espumas fugidas do mar. Sim, tudo isso! (LISPECTOR, 1999, p. 77).

“Mas ela não tem suficiente dinheiro para viajar” (LISPECTOR, 1999, p. 78). E a conjunção adversativa “mas” traz um retorno à realidade; tanto a personagem quanto o leitor tomam consciência do frustrante desfecho do conto. Toda a reflexão e transformação ocorrida através do cronotopo da estrada são revertidos no caminho de volta para casa. Lá ela se prepara para dormir como em todas as noites anteriores para no dia seguinte amanhecer e viver o décimo terceiro ano de casamento, pesado como chumbo.

2.2 O antes e o depois do encontro: metamorfose

Em 1974 Clarice Lispector publica pela primeira vez o livro de contos intitulado *A via crucis do corpo*, uma obra diferente de tudo que ela tinha escrito até então. A obra contém textos de cunho erótico, claro que na visão lispectoriana, e por esse motivo foi altamente criticada, sendo até desconsiderada como literatura. Como resposta, Clarice introduz o livro com um texto intitulado “Explicação” e nele revela: “Uma pessoa leu meus contos e disse que aquilo não era literatura, era lixo. Concordo. Mas há hora para tudo. Há também a hora do lixo” (LISPECTOR, 1998, p. 12).

O primeiro conto do livro é “Miss Algrave” e nele, uma mulher chamada Ruth Algrave, carinhosamente chamada por seu chefe de Miss Algrave, residente em Londres, datilógrafa e ruiva é o centro das atenções. Ela era bonita, solteira e virgem, além de ser altamente recatada; não gostava de bebidas alcoólicas nem de prostitutas. Sua vida, porém, transforma-se radicalmente após o encontro com um ser vindo do planeta Saturno, chamado Ixtlan. A partir de então adquire uma nova perspectiva de mundo, passando a viver com mais intensidade. Nas palavras do próprio narrador, Ruth era:

Solteira, é claro, virgem, é claro. Morava sozinha numa cobertura em Soho. Nesse dia tinha feito suas compras de comida: legumes e frutas. Porque comer carne ela considerava pecado.

Quando passava pelo Picadilly Circle e via as mulheres esperando homens nas esquinas, só faltava vomitar. Ainda mais por dinheiro! Era demais para se suportar. E aquela estátua de Eros ali indecente (LISPECTOR, 1998, p. 13).

Pelo excerto podemos perceber traços da personalidade de Ruth, uma mulher com fortes pensamentos religiosos que procurava evitar situações onde estivesse exposta ao que ela considerava pecado. Não comia carne, repudiava mulheres que se relacionavam com homens em troca de dinheiro e era cismada até com a estátua de Eros, deus grego do amor. A personagem pode ser considerada o típico exemplo de repressão feminina, pois condena determinadas práticas a ela impostas como profanas.

Tinha uma vida pacata, sem grandes acontecimentos, sua pele era clara e os cabelos, ruivos. Orgulhava-se de como era “mas nunca ninguém tocara nos seus seios” (LISPECTOR, 1998, p. 14). Além disso, “tomava banho só uma vez por semana, no sábado. Para não ver seu corpo nu, não tirava nem as calcinhas nem o sutiã” (LISPECTOR, 1998, p. 14). Foi com esse comportamento cheio de pudor que a personagem viveu até a inesperada e transformadora visita ao seu quarto.

O grande acontecimento foi num dia de sábado e a narrativa segue descrevendo a rotina da personagem desde quando ela acordou até o momento tão aguardado por todos. O narrador vai adiando o fato propositalmente, despertando grande curiosidade nos leitores. Nesse sentido, algumas informações dão indícios para o que os aguarda. Ele diz que a personagem não gostava de ver casais de namorados se beijando, não gostava de ver televisão pelo mesmo motivo, achava até crianças imorais. Esses pequenos detalhes funcionam como uma espécie de preparação para o que virá mais adiante. Então em casa, depois de um longo dia de sábado, a personagem:

Suspirou muito porque era difícil viver só. A solidão a esmagava. Terrível não ter uma só pessoa para conversar. Era a criatura mais solitária que conhecia. Até Mrs. Cabot tinha um gato. Ruth Algrave não tinha bicho nenhum: eram bestiais demais para o seu gosto. Nem tinha televisão. Por dois motivos: faltava-lhe dinheiro e não queria ficar vendo as imoralidades que apareciam na tela. Na televisão de Mrs. Cabot vira um homem beijando uma mulher na boca. E isso sem falar no perigo de transmissão de micróbios. Ah, se pudesse escreveria todos os dias uma carta de protesto para o Time. Mas não adiantava protestar, ao que parecia. A falta de vergonha estava no ar. Até já vira um cachorro com uma cadela. Ficou impressionada. Mas se assim Deus queria, que então assim fosse. Mas ninguém a tocaria jamais, pensou. Ficava curtindo a solidão (LISPECTOR, 1998, p. 16).

A citação é longa, mas é pertinente à análise realizada aqui. Com a narrativa caminhando em direção ao grande acontecimento, Miss Algrave foi bem descrita pelo narrador e sua forma de ser já é conhecida por todos os leitores. Percebemos que ela não era uma mulher feliz, pois faltava-lhe algo; algo ao mesmo tempo evitado e no fundo, desejado; um fato que trouxesse vida à sua existência monótona. Eis então, que na noite desse mesmo sábado, quando estava sozinha e deitada na cama:

Foi então que aconteceu.

Sentiu que pela janela entrava uma coisa que não era um pombo. Teve medo. Falou bem alto:

– Quem é?

E a resposta veio em forma de vento:

– Eu sou um eu.

– Quem é você? Perguntou trêmula.

– Vim de Saturno para amar você.

– Mas eu não estou vendo ninguém! gritou.

– O que importa é que você está me sentindo.

E sentia-o mesmo. Teve um frisson eletrônico.

– Como é que você se chama? Perguntou com medo.

– Pouco importa.

– Mas quero chamar seu nome!

– Chame-me de Ixtlan. (LISPECTOR, 1998, p. 16-17).

Pelo diálogo transcrito acima, podemos dizer que o conto divide-se em duas partes: uma antes do encontro com Ixtlan e outra depois. A primeira diz respeito a toda a apresentação da personagem, suas características, sua forma de pensar, de agir diante de determinadas situações, suas crenças religiosas e as tarefas que realizava cotidianamente. Já a segunda compreende a mudança pela qual passa a personagem depois de ter sua primeira relação sexual com o misterioso visitante de Saturno. Ruth não hesitou em atender aos pedidos de Ixtlan, apesar de sentir um pouco de medo. Mesmo condenando essa prática, no fundo ela queria passar por essa experiência. Analisemos esse outro trecho.

Ele disse:

– Tire a roupa.

Ela tirou a camisola. A lua estava enorme dentro do quarto. Ixtlan era branco e pequeno. Deitou-se ao seu lado na cama de ferro. E passou as mãos pelos seus seios. Rosas negras.

Ela nunca tinha sentido o que sentiu. Era bom demais. Tinha medo que acabasse. Era como se um aleijado jogasse no ar o seu cajado.

Começou a suspirar e disse para Ixtlan:

– Eu te amo, meu amor! meu grande amor! (LISPECTOR, 1998, p. 17).

A partir dessa citação é perceptível a poderosa força do desejo. A personagem não consegue resistir aos impulsos sexuais naturais do corpo humano; ela quer tanto ser “amada” e se sente tão maravilhada com isso a ponto de não querer que termine. Além disso, é notória a falta de experiência da mulher diante daquela situação; é a primeira relação sexual dela e ela já chama o extraterrestre, metáfora do sexo masculino, de amor.

Mais adiante, após o encontro tão prazeroso, a despedida também merece atenção. Ixtlan revela que eles voltarão a se encontrar apenas na próxima lua cheia, ou seja, no intervalo de tempo correspondente a um mês. Como estavam no mês de maio, a próxima noite de amor seria em abril. Ruth achou muito tempo, preocupada com o que faria até ele voltar. A resposta de Ixtlan é clara e objetiva: “use-se” (LISPECTOR, 1998, p. 18).

A partir desse encontro inesperado e inesquecível, Miss Algrave não foi mais a mesma mulher do início da narrativa. Foi ela quem se transformou, o mundo continuou o mesmo. O mundo para ela ganhou um novo sentido, passou a ser enxergado de outra forma e o que antes era repugnado agora era vivido. Comia carne com o mesmo prazer que tomava vinho; perdeu o nojo de bichos, tornou-se uma mulher livre e realizada. Tinha uma porção de coisas disponíveis para ela experimentar; e ela experimentou:

[...] não aguentando mais, encaminhou-se para o Picadelly Circle e achegou-se a um homem cabeludo. Levou ele ao seu quarto. Disse-lhe que não precisava pagar. Mas ele fez questão e antes de ir embora deixou na mesa de cabeceira uma libra inteira! Bem que estava precisada de dinheiro (LISPECTOR, 1998, p. 19).

Trazendo Machado (2010), grande estudiosa de Bakhtin para a análise, temos um exemplo de transformação característica do cronotopo da metamorfose. Nesse cronotopo o homem se transforma literalmente em outro, pois “a metamorfose marca as diferenças profundas na vida do homem, ainda que os acontecimentos excepcionais e a força do acaso também vigorem para as transformações” (MACHADO, 2010, p. 219). Diferente da personagem do conto “A fuga”, analisado anteriormente, a personagem Ruth Algrave transformou-se em outra mulher, oposta a que era e não retornou ao seu estado inicial. Ela seguiu com um novo tipo de comportamento, uma outra forma de viver.

Também é válido destacar a ascensão da personagem enquanto ser do sexo feminino. Ruth, no início do conto, tinha um modo de viver regrado a

comportamentos excessivamente reservados. Ela é um reflexo dos efeitos causados pelas barreiras impostas às mulheres e pelos condicionamentos à que eram submetidas. Após a prazerosa experiência com Ixtlan, ela transforma-se numa outra mulher, mais audaciosa, atrevida, mais segura de si; tanto que, disposta a ter novas experiências sexuais enquanto seu extraterrestre não vem visitá-la, decide abandonar o trabalho como datilógrafa e, por conta própria, se relacionar com homens em troca de dinheiro.

Considerações finais

Procuramos, com esse estudo, analisar os contos de Clarice Lispector à luz de Bakhtin, no que tange a correlação existente entre tempo e espaço na narrativa, denominado pelo filósofo russo, de cronotopia. Em linhas gerais, nos dois contos é notória a influência do tempo e do espaço na configuração dos encontros e das ações vividas pelas personagens. Cada uma a seu modo é uma representação dos tipos femininos e das limitações sociais as quais são submetidas e, através desses encontros, presenciamos mudanças na personalidade das duas mulheres, protagonistas dos contos trabalhados.

Na estrada, a mulher do conto “A fuga” tem um encontro consigo mesma e, a partir disso, opta por não dar continuidade ao plano de abandonar o marido. No conto “Miss Algrave” a personagem Ruth, depois do encontro com extraterrestre vindo de Saturno para o seu quarto, transforma-se em outra mulher num processo de metamorfose permanente. Em ambos os contos o tempo e o espaço se entrecruzam dando margem ao acontecimento configurador dos cronotopos da estrada e da metamorfose.

Ressaltamos, ainda, a necessidade de se pensar a representação da condição feminina, na literatura, sob óticas diversas e livre de preceitos machistas. Pelo encontro, ou seja, pelo contato com o outro ou consigo mesmo, as duas personagens lispectorianas transcenderam os limites a elas impostas. A primeira vislumbrou um futuro diferente do presente no qual vivia, porém as circunstâncias não permitiam “um ir além”. A segunda rompeu os paradigmas de uma sociedade preconceituosa, reconhecendo-se enquanto mulher, vivendo justamente do modo que mais repudiava. É possível pensar em uma transformação também dos leitores pelo encontro com estas duas personagens; a literatura permite isso.

Por fim, constatamos que os contos de Clarice Lispector são um excelente *corpus* para diversos estudos e à luz das mais variadas teorias. Além disso, que os estudos de Bakhtin sobre o romance não se restringem apenas a esse gênero, podendo, portanto, ser aplicados a outros tipos de texto inclusive em versos.

Referências

AMORIM, Marília. Cronotopia e exotopia. In BRAIT, Bet (org.). *Bakhtin: outros conceitos chave*. São Paulo: Contexto, 2008. p. 95-113.

- BAKHTIN, Mikhail. Formas de tempo e de cronotopo no romance: ensaios de poética histórica. In: _____. *Questões de literatura e estética: a teoria do romance*. São Paulo: Unesp, 1998. p. 211-362.
- FIORIN, José Luiz. *Introdução ao pensamento de Bakhtin*. São Paulo: Contexto, 2016. 160 p.
- GOTLIB, Nadia Battella. *Clarice: uma vida que se conta*. São Paulo: Edusp, 2011. 650 p.
- LISPECTOR, Clarice. *A Via Crucis do Corpo*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998. 78 p.
- _____. *A Bela e A Fera*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999. 110 p.
- MACHADO, Irene. A questão espaço-temporal em Bakhtin: cronotopia e exotopia. In: PAULA, Luciane de; STAFUZZA, Grenissa. *Círculo de Bakhtin: teoria inclassificável*. São Paulo: Mercado de Letras, 2010. p. 203-234.

Para citar este artigo

SOARES, Leandro Lopes; COSTA, Maria Edileuza da. Os contos de Clarice Lispector à luz de Bakhtin: uma análise cronotópica. *Miguilim – Revista Eletrônica do Netlli*, Crato, v. 6, n. 3, p. 273-285, set.-dez. 2017.

Os autores

Leandro Lopes Soares possui graduação em Letras pela Universidade Regional do Cariri – URCA e atualmente é aluno regular do mestrado do Programa de Pós-Graduação em Letras, PPGL, da Universidade Estadual do Rio Grande do Norte – UERN.

Maria Edileuza da Costa é graduada em Letras pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (1986), Especialização em Alfabetização e Pré-escolar (1997), Especialização em Metodologia do Ensino Superior (1998) pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte; Mestrado em Letras pela Universidade Federal da Paraíba - UFPB (2001); Doutorado Letras pela Universidade Federal da Paraíba - UFPB (2005); Pós-doutorado na Universidade Estadual do Piauí - UESPI - Bolsista PNPd. Professora adjunto IV do Departamento de Letras Vernáculas da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, foi bolsista de produtividade UERN de 2006 a 2013. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Literatura Brasileira. Professora permanente e coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Letras, (PPGL), atuando nos seguintes temas: o feminino na literatura, literatura e ensino, análise literária, personagem feminino e mito. Professora colaboradora do Programa de Pós-Graduação em Ensino (PPGE), atuando principalmente nos temas: ensino aprendizagem, educação, Literatura Infantil. Professora do Mestrado Profissional em Letras - PROFLETRAS -UERN. Membro do Grupo de Pesquisa em Literatura da Língua Portuguesa GPORT.